

CAUSA E EFEITO

Budismo passo a passo





Venerável Mestre Hsing Yun

CAUSA E EFEITO

Escrito pelo Venerável Mestre Hsing Yun
Tradução portuguesa - Eduardo Patriarca



Publicado por

Buddha's Light Publishing 3456 S. Glenmark Drive
Hacienda Heights, CA 91745 U.S.A.

© by Fo Guang Shan International Translation Center

Todos os direitos reservados.

CONTEÚDOS

Causa e efeito	5
I. Ver a Causa e Efeito no dia-a-dia	9
II. Ver a Causa e Efeito no nosso relacionamento com os outros	14
III. Ver como Causa e Efeito se manifestam no Passado, Presente e Futuro	19
IV. Ver a Causa e Efeito como um Guia para as Ações	28
Dedicação de Méritos	36
Centro Internacional de Tradução Fo Guang Shan	37
Atividades da BLIA Portugal	38
Contatos	39

CAUSA E EFEITO

Alguns budistas acreditam que a lei da causa e efeito é simplesmente uma ferramenta usada para os incentivar a fazer boas ações. Isto não é inteiramente correto. A lei da causa e efeito, de acordo com os ensinamentos de Buddha, não é tão simplista.

A causa dá origem ao efeito – este é um fato inerente à vida. Os ensinamentos de causa e efeito são profundos e operam com precisão infalível, mais precisos do que até mesmo os computadores mais avançados. Não só nós, seres humanos, não podemos mudar o funcionamento da causa e efeito, como mesmo os deuses não podem alterar o seu caminho. As operações de causa e efeito abrangem tudo no universo e são o berço de todas as condições – passado, presente e futuro. O Sutra do Nirvana diz categoricamente que os efeitos de ações úteis e prejudiciais nos seguem como uma sombra. Causa e efeito abrange a tríplice dimensão do tempo: passado, presente e futuro. Uma causa uma vez gerada produzirá sempre o seu efeito apropriado.

Se o funcionamento da causa e efeito governa

todas as coisas no universo, então quem ou o quê governa a causa e efeito? Causa e efeito são inerentes às interdependências de todos os fenômenos e à multiplicidade de forças assim criadas. Isto não é diferente do ato de equilíbrio ao construir uma torre de cartas; quando adicionamos ou removemos uma carta, a repercussão de qualquer uma dessas ações permeia todo o sistema. A forma como causa e efeito estão ligados é profunda e única. Quando dizemos que nós, seres humanos, não podemos alterar as leis da natureza, estamos a dizer que não podemos alterar o funcionamento da causa e efeito. O funcionamento da causa e efeito é o mais intrincado e, a menos que estejamos plenamente esclarecidos, não podemos sequer chegar perto de compreendê-los na sua totalidade. Embora não possamos temer a morte ou o desconhecido, devemos sempre manter um respeito saudável pelo funcionamento de causa e efeito.

No Budismo, há um ditado muito profundo: “Bodhisattvas temem a causa, seres sencientes temem os efeitos”. A diferença entre bodhisattvas e seres humanos é a diferença de perspectiva sobre causa e efeito. Bodhisattvas abstêm-se de criar causas más, pois sabem que uma causa má trará

um efeito nocivo. A sua compreensão desta lei é completa, e eles examinam sempre os efeitos das causas antes de agir. Os seres sencientes, por outro lado, são impulsivos e muitas vezes agem sem pensar nas consequências. Embora não demonstremos qualquer medo de criar causas nocivas, tememos os efeitos nocivos que elas nos causam. Repetidamente, agimos por ilusão e acabamos por pagar cara a nossa loucura.

De um ponto de vista sociológico, a cultura, a ética e as leis são as principais forças que dão estrutura à sociedade. O alcance das leis de uma sociedade é finito, e a capacidade de uma cultura restringir o comportamento é limitada. O efeito dessas fronteiras impostas externamente não pode ser comparado ao impacto que uma compreensão de causa e efeito teria sobre nós. Se estivermos sempre atentos à causa e efeito, podemos usar isso como guia das nossas ações. Compreenderemos que as nossas circunstâncias, sejam elas boas ou más, são obra nossa. Se todos nós conseguirmos chegar a este nível de compreensão em relação à causa e efeito, estaremos sempre atentos aos nossos pensamentos e ações, e o mundo será um lugar muito melhor.

Independentemente de acreditarmos ou não nos ensinamentos da causa e efeito, estamos todos sujeitos ao seu funcionamento. Ninguém pode tomar o nosso lugar no funcionamento da causa e efeito. Isto é verdade desde as causas muito pequenas e inconsequentes até às causas que mudam a vida nascidas dos nossos pensamentos e ações. Quando um menino brinca com uma faca e se corta, mesmo a mãe mais amorosa não pode sentir a dor que a criança deve sentir. Todos nós temos que assumir a responsabilidade pelos nossos pensamentos e ações, ninguém pode ficar no nosso lugar quando os efeitos se manifestam.

Nas duas primeiras secções desta discussão, vamos analisar a causa e o efeito do ponto de vista da vida quotidiana e das nossas relações com os outros. Nas duas últimas secções, examinaremos como a causa e efeito se desenrolam ao longo do tempo e como isso pode ser um guia para nossas ações.

I. VER A CAUSA E EFEITO NO DIA-A-DIA

O funcionamento da causa e efeito não se limita apenas à arena da atividade religiosa. Mesmo no nosso dia-a-dia, existem inúmeros exemplos que atestam o seu funcionamento. Tomemos o simples ato de comer. Nós comemos todos os dias. Porquê? Comemos porque temos fome. A fome é a causa, e comer é o efeito. Depois de comermos, já não sentimos fome. Neste caso, comer é a causa, e a sensação de saciedade é o efeito. Quando o tempo fica frio, vestimos mais roupas para nos mantermos aquecidos. Uma causa leva a outra tão inevitavelmente quanto o dia se transforma em noite.

Olhem à vossa volta; alguns de nós nascem em famílias com riqueza, enquanto outros nascem em circunstâncias mais humildes. Todos vivemos em países diferentes. Por que alguns de nós vivem em lugares prósperos, enquanto outros vivem em países atormentados pela pobreza e pela turbulência? Alguns de nós vivem vidas longas, enquanto outros morrem tragicamente jovens. Não é porque haja algum deus a jogar com favoritismo

ou que a vida seja simplesmente injusta. Todas as nossas circunstâncias se devem às diferentes causas e condições que plantamos no passado. Dependendo das nossas causas passadas, agora colhemos os seus efeitos. Causa gera efeitos, e os dois não podem ser separados.

Na literatura budista, há um versículo sobre o papel que a condicionalidade desempenha na determinação de nossos renascimentos futuros:

A minha carne é a carne dos seres sencientes;
Os nomes diferem, mas a essência não.
Todos partilhamos a mesma natureza;
Nós apenas variamos na forma corporal.
Se deixo os outros sofrerem de dor;
Pois o que eu quero é o doce e o terno.
Não há necessidade de aguardar o julgamento
de Yama;
Eu próprio sei quanto custarão tais ações.

Por apenas um momento de satisfação para as nossas papilas gustativas, causamos a morte de muitos animais, tirando os filhotes das suas mães ou os pais dos seus filhotes. O karma coletivo dessas mortes pode muito bem ser a causa futura

de uma guerra terrível. Além disso, o desejo por alimentos cada vez mais exóticos levou muitas espécies à beira da extinção, perturbando indiretamente o equilíbrio dos nossos sistemas ecológicos. Só temos uma terra; sabendo que podemos renascer neste mundo muitas vezes, é do nosso próprio interesse preservar o que temos.

Embora o funcionamento da condicionalidade possa não ser imediato e transparente, não devemos duvidar do seu funcionamento. As causas produzem sempre efeitos. É esta teia entrelaçada de causas e efeitos que dá origem a todos os fenômenos. As nossas ações, ou Karma, são armazenadas na nossa consciência alaya e tornam-se as sementes de resultados futuros. As nossas circunstâncias, sejam elas afortunadas ou não, são o resultado de causas anteriores: não há nenhum elemento de sorte envolvido. Aqui está um versículo que lança alguma luz sobre nossa situação comum:

A longevidade vem da compaixão;
A morte precoce vem dos atos de matar.
A dignidade vem da paciência;
A pobreza vem de ser miserável e ganancioso.
O status vem de ser respeitoso;
A falta de status vem do orgulho.

A mudez vem da calúnia;
A cegueira e a surdez vêm da falta de fé.
Faculdades prejudicadas e deformidades pro-
vêm da violação dos preceitos;
A plenitude do corpo é o resultado da manuten-
ção dos preceitos.

A moral deste versículo é que determinamos quem somos. Por outro lado, devemos valorizar as nossas bênçãos presentes e não tomar as coisas como certas. Por outro lado, devemos sempre semear os bons efeitos. Na mesma linha de pensamento, Zhuzi (um antigo filósofo chinês) costumava ensinar os seus filhos com este versículo:

Uma tigela de papa, uma tigela de arroz — con-
templem, eles não vêm facilmente.
Um pouco de seda, um pedaço de fio – apre-
ciem sempre como são preciosos.
Planeiem antes de uma tempestade; não come-
ce a cavar um poço quando tiverem sede.

Neste mundo, não há efeito sem causa, e não há causa que não produza efeito. Além disso, não há nenhum efeito que seja inadequado para a sua causa, e não há nenhuma causa que não produza o

seu devido efeito. Em última análise, nós determinamos a causa e o efeito.

II. VER A CAUSA E EFEITO NO NOSSO RELACIONAMENTO COM OS OUTROS

Vejam! Todos nós vivemos em diferentes países e vários lugares. Posso não vos conhecer, e vocês podem não me conhecer. Na superfície, parece que há muita desconexão aleatória neste mundo. Na verdade, todos nós compartilhamos algumas causas e condições comuns. Nos sutras, diz-se que se alguém tiver a capacidade de olhar para o passado e para o futuro, verá a multidão de seres sentientes que foram ou serão nossos pais, irmãos ou parentes durante as nossas muitas vidas.

A história a seguir ilustra como estamos relacionados. Certa vez, houve uma família que celebrava um casamento. A casa estava cheia de convidados: familiares, parentes e amigos próximos. As mesas espalharam-se pela rua e a música encheu o ar. Todos estavam em clima de festa. Aconteceu passar um monge. Ficou junto à porta, balançou a cabeça e suspirou. Alguns dos convidados ficaram perplexos e perguntaram-lhe porquê. O monge respon-

deu com o seguinte versículo:

Vacas, ovelhas, animais sentados à mesa:
A avó de uma vida passada é agora a noiva
Batendo tambores no salão, a bater na pele do
avô
Cozinhadas em panelas, as tias.

Neste versículo, o monge analisou as relações familiares no contexto da condicionalidade. A noiva já foi a avó numa vida passada. Muitos familiares e amigos sentados à mesa eram vacas e ovelhas nas suas vidas anteriores. A pele do tambor foi feita a partir da pele de uma vaca que já foi o avô da mãe. Os animais que estavam sendo cozidos nas panelas eram as tias de uma vida anterior. Quando morremos, a nossa força karmica cumulativa individual determina o reino da existência no qual renascemos. Embora sejamos da mesma natureza, as ilusões de cada pessoa diferem em forma e gravidade, dando a cada um de nós uma existência de diferentes fenómenos. Nos nossos infinitos renascimentos, encontramos-nos e separamo-nos. Embora possamos estar relacionados numa vida, podemos ser totalmente estranhos na próxima.

Os jornais taiwaneses uma vez publicaram a seguinte história, da qual podem tirar a vossa própria conclusão, sobre como causa e efeito influenciam as relações que temos com os outros. A história começa com um jovem que teve uma queda terrível durante a prática de alpinismo em Taitung. Devido à gravidade da queda, sofreu uma concussão grave. Para salvar o jovem, a equipe médica no local decidiu chamar um renomado neurologista de Taipei, que fica bem longe de Taitung. O médico inicialmente estava relutante, mas por compaixão finalmente decidiu fazer a viagem. Encheu o carro com o material médico necessário e dirigiu-se para sul. Inesperadamente, no meio do caminho, um homem de meia-idade com uma jaqueta de couro parou o carro e ordenou que o médico saísse, dizendo: “Saia. Preciso do carro.”

O médico imediatamente explicou: “Você não sabe o que está a fazer. Sou médico numa chamada de emergência para salvar um doente.” O assaltante não esperou que o médico terminasse e puxou-o para fora do carro. O médico não teve escolha a não ser pedir boleia a estranhos. Quando finalmente chegou ao local do acidente, tinham passado muitas horas e o jovem já tinha morrido.

O médico no local ficou muito irritado com o médico pelo seu atraso e disse-lhe que estava cerca de uma hora atrasado. Quando o médico se aproximou da vítima, viu um homem de meia-idade ao lado do morto gritando: “Meu filho, meu filho”. O médico olhou para o homem de meia-idade e imediatamente o reconheceu como a pessoa que havia roubado o seu carro anteriormente. Ele agarrou o homem pelo casaco e disse: “Foi você que causou a morte do seu filho”.

O homem da jaqueta de couro era o pai da vítima. Ao tentar chegar ao local para ver o filho, ele indiretamente causou a morte do filho. As nossas relações com os outros são regidas pela lei da causa e efeito, que muitas vezes funciona de maneiras misteriosas e complicadas. Às vezes, ao tentar amar os nossos filhos, sem saber, colocamo-los em perigo. Um famoso estudioso da China antiga, Si Mawen, escreveu certa vez: “Guarde uma fortuna para seus herdeiros; eles podem não conseguir desfrutá-la. Recolha livros para os seus herdeiros; eles podem não ser capazes de lê-los. No escuro e no desconhecido, a resposta final é acumular mérito e dar um bom exemplo para os seus filhos.” Isto é motivo de reflexão sobre as nossas relações com os nossos filhos.

O reino da iluminação e da Budeidade está além da nossa compreensão; o funcionamento de causa e efeito é igualmente profundo e maravilhoso. Quando realmente compreendemos o significado profundo da causa e efeito, em essência compreendemos o Dharma. Causa e efeito permeiam todos os nossos relacionamentos e, como tal, cabe a nós valorizá-los todos. Quando compreendemos o significado de causa e efeito, não hesitaremos em praticar o amor que se baseia na igualdade. Quando ajudamos os outros, estamos, de facto, a ajudar-nos a nós próprios. Esta é a alegria do Dharma.

III. VER COMO CAUSA E EFEITO SE MANIFESTAM NO PASSADO, PRESENTE E FUTURO

Do ponto de vista do tempo, causa e efeito abrangem a tríplice dimensão do tempo, ligando-nos do passado ao presente e do presente ao futuro. Algumas causas produzem efeitos na vida presente, enquanto outras produzem efeitos na vida seguinte, e outras ainda produzem efeitos muitas vidas depois. Na verdade, isso não é difícil de visualizar. Por exemplo, algumas plantas que são semeadas na primavera dão frutos no outono. Isso corresponde a produzir efeitos na vida presente. Algumas plantas demoram um ano a dar frutos. Isto é semelhante a produzir efeitos na próxima vida. Depois, há algumas plantas que demoram anos até começarem a dar frutos. Isto é análogo a produzir efeitos muitas vidas depois. Um provérbio chinês diz: “[Não que as causas] sejam sem efeitos; a hora ainda não chegou.” O funcionamento da condicionalidade nunca falha; é apenas uma questão de tempo até que o efeito se torne evidente.

Quando observamos o mundo à nossa volta, às vezes podemos nos perguntar se a vida não passa de uma série de eventos aleatórios. Podemos ter ouvido as pessoas dizerem: “A Sra. Zhang é uma senhora tão simpática. Ela é vegetariana, pratica o Dharma religiosamente e dedica-se a todos os tipos de causas sociais. Infelizmente, no entanto, ela também é uma pessoa muito azarada e passou por muitos infortúnios.” Isso é muito injusto: por que tantas coisas ruins acontecem com uma pessoa tão boa? Como é que alguém pode acreditar na condicionalidade? Outras vezes, podemos nos deparar com este tipo de comentário: “Essa pessoa é tão malandra. Pensaríamos que ele deveria pagar por todas as coisas horríveis que fez. Mas, em vez disso, ele é rico e poderoso. As pessoas olham para ele. Será que ele vai ter que pagar?” É verdade que, quando vemos coisas más acontecerem com pessoas boas, ou vice-versa, a nossa fé pode ser questionada. Na verdade, não há nada aqui que seja inconsistente com a lei da causa e efeito. Voltemos ao exemplo da Sra. Zhang. A razão pela qual ela ainda não teve a hipótese de desfrutar de qualquer boa sorte é por causa de suas “dívidas karmicas” do passado. Uma vez que suas “dívidas karmicas” sejam queimadas através do processo

de fazer o bem, a boa sorte a aguardará. Quanto àqueles que parecem ser capazes de escapar para sempre da retribuição de suas más ações, é porque têm reservas de mérito de suas vidas passadas. Quando a nossa reserva de mérito é consumida, então os efeitos das nossas ações nocivas virão bater à nossa porta.

Certa vez, existiu um monge que se comprometeu a construir um templo num determinado local. Na China antiga, o método utilizado para angariar fundos era diferente do utilizado hoje. Em vez de pedir doações, o monge sentava-se ou ficava no local do futuro templo e recitava sutras ou ensinava o Dharma, na esperança de levar a comunidade à ação. Durante três meses, este monge idoso sentou-se no local e recitou os sutras, mas ninguém lhe prestou atenção, exceto um rapaz que vendia bolos quentes na rua para um comerciante próximo. O menino não suportou ver o monge idoso incapaz de realizar o seu voto, e a compaixão surgiu nele. Pensou, então, consigo mesmo: “Este pobre monge. Talvez se eu lhe der o dinheiro dos bolos quentes, eu possa ajudá-lo a realizar o seu voto.” O rapaz ofereceu o dinheiro que ganhou com a venda de bolos quentes ao monge. Quando a no-

tícia da ação galante desse menino se espalhou, os moradores refletiram sobre a sua própria indiferença e sentiram-se envergonhados com a sua mesquinhez. Passando a atitude de boca em boca, pessoas vinham de todos os lugares para oferecer ajuda ao monge. Em pouco tempo, o monge juntou dinheiro suficiente para iniciar a construção. O monge ficou muito comovido com a compaixão do menino e disse-lhe: “Meu amiguinho, a sua compaixão hoje teve um enorme impacto. Você é um grande amigo do Dharma no nosso templo. Se houver algo que eu possa fazer, por favor, não hesite em perguntar.” O menino apenas sorriu e seguiu o seu caminho.

Quando o rapaz voltou à loja, não tinha dinheiro para dar ao comerciante. O proprietário estava lívido e descarregou contra o rapaz no local. Com tão pouco tempo, o menino não conseguiu encontrar outro emprego e teve que implorar para ganhar a vida. As coisas foram de mal a pior; não só era pobre, como contraiu uma doença infecciosa e, conseqüentemente, perdeu a visão. Sem ter a quem recorrer, de repente lembrou-se do que o monge lhe tinha dito e decidiu ir ao templo pedir ajuda. Ora, este monge tinha atingido a capacidade

de ver o futuro e sabia de antemão que o menino viria ter com ele em busca de ajuda. Durante a noite, ele reuniu todos os seus seguidores e passou a palavra dizendo: “Amanhã, o nosso grande patrono estará aqui. Quero que todos estejam prontos para recebê-lo e mostrar-lhe o máximo respeito.”

No dia seguinte, todos se levantaram de manhã cedo para arrumar e limpar o pó. Eles esperaram e esperaram, mas ninguém de importância veio ao templo. Mais tarde, o monge idoso perguntou ao monge encarregado da hospitalidade: “Será que o nosso grande padroeiro nos agraciou com a sua presença?”

“Não vi nenhum grande padroeiro vir ao templo hoje.”

O monge idoso perguntou ainda: “Está me dizendo que ninguém veio hoje?”

“Ninguém. Oh, apenas um pequeno mendigo cego chamou. Ele insistiu em entrar, mas eu tinha medo de que ele estivesse no caminho quando o grande patrono chegasse. Então, dei-lhe alguns pedaços de pão e pedi-lhe para sair.”

O velho monge ficou boquiaberto e disse: “Você cometeu um grande erro. Esse menino é o nosso

grande patrono. Por favor, apresse-se e veja se você pode alcançá-lo e convidá-lo de volta.” O jovem monge fez o que lhe foi dito e rapidamente alcançou o mendigo. Ele convidou o menino de volta ao templo e preparou um quarto de hóspedes para que o menino ficasse no templo por um tempo. Infelizmente, uma noite, quando o menino foi para o exterior para se alivar, caiu no poço da latrina e se afogou.

Quando as pessoas da aldeia ouviram o que tinha acontecido com o menino, discutiram entre si: “Olha, como podemos dizer que a lei da causa e efeito está a funcionar aqui? Tudo estava a ir tão bem quando o menino vendia bolos quentes para o dono da loja. A sua sorte piorou desde que ele deu dinheiro ao monge para construir o templo. Primeiro, tornou-se mendigo; depois ficou cego. Quando pensou que as coisas estavam a melhor, afogou-se no anexo do templo. Como podemos acreditar na lei da causa e efeito?” Comentários como este rapidamente chegaram ao monge idoso. Ele reuniu toda a gente para comentar as suas preocupações. Ele disse: “Por causa de seu karma passado, esse menino teve que levar três vidas difíceis. Nesta vida, viu-se confrontado com a po-

breza. Na sua vida seguinte, ele estava destinado a ser cego, e na terceira vida, ele estava destinado a morrer acidentalmente numa latrina. A sua compaixão em ajudar a construir o templo rendeu-lhe grande mérito, e ele foi capaz de queimar a sua dívida karmica numa vida. Desta forma, ele não teve que sofrer mais dois renascimentos infelizes. Ele está agora a renascer em um dos céus. Somos os criadores das nossas próprias circunstâncias; causa e efeito seguem-nos como nossas sombras. Devido à nossa ignorância do passado e do futuro, tendemos a olhar para a nossa viragem dos acontecimentos fora do seu contexto adequado. Como podemos dizer que as nossas ações não produzirão os efeitos correspondentes!” Depois que o monge falou, todos ficaram comovidos e começaram a ver o maravilhoso funcionamento da causa e efeito.

Nos sutras, nos deparamos com este ditado: “Centenas e milhares de kalpas podem passar, mas o nosso karma não desaparece. Com as causas e condições certas, colheremos os seus efeitos.” O que isto significa é que as sementes que semeamos com as nossas ações, sejam elas boas ou más, não desaparecerão independentemente

do tempo que tiver passado. Como uma semente que brota nas condições certas, as nossas causas produzirão efeitos quando as condições certas se concretizarem.

O funcionamento de causa e efeito abrange o passado, presente e futuro. Mesmo que não sejamos capazes de ver o passado ou o futuro, podemos ver o que acontece no presente. Os sutras dizem: “Se quisermos conhecer as causas que plantamos em nossas vidas passadas, nossas experiências nesta vida são os efeitos. Se quisermos saber quais serão as nossas circunstâncias na próxima vida, basta olhar para as causas que estamos a plantar nesta vida.” Embora possamos não ser capazes de fazer nada sobre nossas causas passadas, temos o controle do presente e do futuro. Se entendermos que as nossas circunstâncias de hoje são o efeito de causas passadas, temos mais oportunidades de aceitar as nossas circunstâncias com graciosidade. Além disso, podemos traçar o nosso futuro através das nossas ações de hoje. Desta forma, suavizamos as nossas causas passadas e plantamos sementes saudáveis para o futuro. Todos nós devemos tomar conta do presente e praticar os ensinamentos do Buda. Quando plantarmos

boas sementes hoje, teremos uma colheita abundante amanhã. Usando essa analogia, o seguinte versículo chinês pode ajudar a nos estimular à ação imediata:

Cada um de nós sabe que o próximo ano virá;
Todas as famílias plantam para os alimentos do
próximo ano.

Cada um de nós sabe que há uma próxima vida;
Por que não plantamos causas para a sorte na
próxima vida?

IV. VER A CAUSA E EFEITO COMO UM GUIA PARA AS AÇÕES

Algumas pessoas têm noções e expectativas equivocadas em relação à causa e efeito. Uma pessoa que era vegetariana há já muito tempo reclamou comigo: “Não adianta ser vegetariano. Olhe para mim, sou vegetariana há mais de vinte anos e não sou mais saudável. Já que o Buda não tem cuidado de mim, por que eu deveria continuar a ser vegetariano?” Acho que ele se tornou vegetariano porque pensou que o Buda se tornaria o seu médico pessoal e cuidaria da sua saúde. Outra pessoa resmungou comigo: “Professor de Dharma, vou parar de recitar o nome de Amitabha. Durante anos recitei o seu nome, mas perdi todo o meu dinheiro nos negócios. Se Amitabha não vai cuidar de mim, por que devo recitar o seu nome?” Ah, ele recitou o nome do Buda Amitabha não para renascer na Terra Pura, mas porque ele queria que Amitabha lhe proporcionasse estabilidade financeira. Todas estas são expectativas irracionais sobre os Budas.

Devemos entender que cada causa tem o seu

respetivo efeito. Se queremos boa saúde, devemos exercitar-nos e manter uma mente calma. Se queremos ser ricos, devemos primeiro plantar as sementes da riqueza dando esmolas. Precisamos também proporcionar as condições certas para que a riqueza cresça, trabalhando arduamente, sendo dignos de confiança e ajudando os outros sempre que podemos. Temos de nos ajudar primeiro. Não podemos simplesmente esperar riqueza orando aos deuses. Se oramos ao Buda Amitabha para nos ajudar a progredir e, ao mesmo tempo, nos aproveitamos egoisticamente dos outros, estamos essencialmente a pedir a Amitabha que se incline ao nosso nível, o que é o mais absurdo.

Algumas pessoas trazem algumas peças de frutas para um templo e esperam fazer um acordo com os Budas para abençoar as suas famílias com fama e fortuna. Se fosse assim que o mundo funcionasse, não quereríamos, todos nós, fazer esse comércio? Tal crença não está de acordo com a visão correta, mas é caracterizada pela ganância e ilusão. Neste mundo, não podemos obter algo à toa, e qualquer religião que valha seu nome não ensinaria os seus seguidores a serem tão oportunistas.

Bai Juyi, um estudioso da dinastia Tang, certa vez pediu ao Mestre Chan Niaoque que lhe ensinasse o Dharma. O mestre Chan respondeu: “Abster-se de todos os erros, praticar todo o bem”.

Bai Juyi respondeu desapontado: “É disso que se trata o Dharma? É tão simples. Até uma criança de três anos sabe isso!”

Com as palmas das mãos unidas, o mestre Chan respondeu sorrindo: “Sim, uma criança de três anos pode saber isso, mas mesmo um homem de oitenta anos tem dificuldade em praticá-lo. Uma coisa é falar do Dharma; outra é pô-lo em prática.”

Embora instintivamente saibamos que devemos fazer o bem e abster-nos do mal, é muito difícil colocar isso em prática. Muitas vezes, agimos impulsivamente sem pensar nas consequências das nossas ações. Se pudermos realmente interiorizar a lei da causa e efeito, seremos constantemente lembrados a pensar antes de agir. Às vezes, quando vemos coisas más acontecerem com pessoas boas, podemos começar a perder a nossa confiança na condicionalidade. Vendo coisas boas acontecerem com pessoas más, acabamos pensando que podemos ser capazes de escapar dos efeitos das nossas ações. Mal sabemos que, embora possamos

escapar temporariamente das leis da sociedade, nunca escaparemos dos efeitos da condicionalidade. O versículo a seguir reflete a maneira como muitos de nós podemos olhar para o mundo:

Antes que o karma nocivo dê frutos,
O malfeitor acha que as suas atividades lhe trazem felicidade.

Quando os efeitos do karma amadurecem,
O malfeitor então percebe a natureza destrutiva das suas ações.

Antes que o karma saudável floresça,
O fazedor encara os seus esforços como penosos.

Quando os efeitos se abrem,
O bom fazedor começa a ver a bondade das suas ações.

Se pudermos canalizar a energia que gastamos perpetrando danos para realizar ações saudáveis; se conseguirmos manter a resolução quando surgirem problemas; e se pudermos fazer o que é certo e não o que é fácil, um dia colheremos os frutos do nosso trabalho.

Durante o período dos Estados Combatentes na história chinesa, havia um general chamado Liu Bei. No leito de morte, deixou estas palavras

de conselho ao filho: “Não cometa um ato ilícito pensando que é apenas menor; não deixe de fazer uma boa ação só porque é pequena.”

Os sutras explicam esta ideia, levando-a mais longe: “Não se deixem levar por pensar que um pequeno ato nocivo não tem quaisquer consequências negativas. Um fio de água, embora pequeno, pode gradualmente encher um recipiente grande. Não menospreze um ato menor e saudável, pensando que ele não renderá bênçãos. Uma pequena bênção como um fio de água pode acumular-se em grandes bênçãos.” Assim, na vida diária, precisamos estar atentos a cada pensamento e ação. Se olharmos à nossa volta e observarmos o mundo, veremos como a condicionalidade se aplica mesmo aos mais ínfimos pormenores.

Quando vemos outros que são mais afortunados do que nós, podemos ansiar pela sua boa sorte e nos perguntar por que não somos igualmente abençoados. Na verdade, se entendermos a lei da causa e efeito, perceberemos que as circunstâncias em que nos encontramos são o produto das nossas próprias mentes, e a sorte não tem nada a ver com isso. A mente não é apenas a geradora de karma, é também o único agente da mudança kar-

mica. Se estivermos continuamente vigilantes da mente e a mantivermos focada nos pensamentos corretos, até mesmo o infortúnio pode ser mudado para melhor. Se deixarmos a nossa mente correr solta com pensamentos nocivos, então quaisquer bênçãos que tenhamos não durarão.

O Venerável Cihang foi um monge respeitado durante o seu tempo. Antes de falecer, ele deixou este versículo, que coloca a interação entre a mente e as condições karmicas em perspectiva:

Aqui está uma palavra de conselho para todos:

É imperativo refletir continuamente sobre

Atividades e pensamentos todos os dias.

Façam um balanço de quanto bem e mal

Vocês causaram.

Desde que tenham paz de espírito,

Norte, leste, sul, oeste são todos bons.

Enquanto uma pessoa não for libertada,

Não podemos fugir.

A natureza do dharma é inerentemente vazia e serena.

Nenhuma causa plantada se perde.

Cada um colhe conforme semeia;

Ninguém pode ficar no nosso lugar.

Locais de prática — como uma flor no céu, uma lua na água

Construam-nos em toda parte e incessantemente.
Espero que todos façam o bem,
Fomentando muitas boas condições.
Sem demora, trabalhem para a libertação
Para vós e para o mundo.

Embora a condicionalidade nunca falhe, o seu efeito nem sempre é instantâneo. No entanto, não devemos deixar que a cegueira interfira com um melhor julgamento. Aqui está um versículo do qual podemos tirar uma lição.

A salubridade é como um pinheiro verde, a insalubridade é como uma flor.
Olhando para ele agora, [o pinheiro verde] empalidece em comparação.
Na manhã seguinte a um dia de geada,
O pinheiro verde permanece, mas não a flor.

Embora uma flor em flor seja um banquete para os olhos, também é frágil e não resiste ao teste do tempo. Por outro lado, um pinheiro alto pode ser liso, mas também é forte e resistente. Quando uma tempestade surge, é o pinheiro verde que permanece de pé. As muitas escolhas que fazemos todos os dias são como escolher entre uma flor bonita,

mas de curta duração, e um pinheiro simples, mas resistente. A forma como escolhemos depende inteiramente de nós.

DEDICAÇÃO DE MÉRITOS

Cí bēi xǐ shě biàn fǎ jiè

Que a generosidade, a compaixão, a alegria e a equanimidade permeiem todo o Universo.

Xí fú jié yuán lì rén tiān

Que todos os seres sencientes valorizem os méritos, criem vínculos e beneficiem os Céus e a Terra.

Chán jìng jiè hòng píng děng rěn

Pratiquemos o Chan e o Terra Pura, sigamos os preceitos, aceitemos tudo com equidade e tolerância.

Cán kuì gǎn ēn dà yuàn xīn

Façamos os Grandes Votos com espírito de arrependimento e gratidão.

CENTRO INTERNACIONAL DE TRADUÇÃO FO GUANG SHAN

Fo Guang Shan International Translation Center dedica-se à tradução e distribuição de traduções de qualidade de textos budistas clássicos, bem como de obras de professores e académicos budistas contemporâneos. Abraçamos o budismo humanista, e promovemos uma escrita budista acessível, orientada para a comunidade, e relevante para a vida quotidiana. Em FGSITC.org pode consultar todas as nossas publicações, lê-las online e até descarregá-las GRATUITAMENTE, bem como solicitar exemplares impressos para si ou para a sua organização.

ATIVIDADES DA BLIA PORTUGAL

A BLIA desenvolve uma série de atividades no Templo, para desenvolvimento pessoal, esclarecimento e estudos sobre Budismo.

- Estudos de Budismo em horário pós-laboral e aos sábados;
- Meditação Ch'an;
- Cerimónia do Chá;
- Prática de Caligrafia;
- Cerimónias budistas ao domingo.
- Retiros

Torne-se associado, ajude a prática do budismo em Portugal.



CONTATOS

BLIA – Associação Internacional Buddha's Light de Lisboa
Rua Centieira, nº 35
1800-056 Lisboa Portugal

Tel: 218599286
email: ibps.pt@gmail.com
www.facebook.com/bliaportugal



**BLIA - Associação Internacional
Buddha's Light de Lisboa**

Rua Centieira, nº 35
1800-056 Lisboa Portugal
Tel: 218599286
email: ibps.pt@gmail.com
www.facebook.com/bliaportugal